

Euclides da Cunha: recepção e circulação de ideias

Anna Paula Teixeira Daher  
PPGH/UFG  
[aptd78@gmail.com](mailto:aptd78@gmail.com)

Euclides da Cunha<sup>1</sup> é um intelectual reconhecido, tido como um dos grandes intérpretes do Brasil especialmente em razão de sua emblemática obra *Os Sertões*. Se a sua vida foi repleta de momentos que nos soam grandiosos, como fazer parte do grupo que tornou o Brasil republicano; ser enviado para cobrir a Guerra de Canudos; participar de expedições Amazônia afora<sup>2</sup>, a sua morte não foi diferente - grandiosa na tragédia e nos seus ecos. Cunha foi morto em 15 de agosto de 1909, alvejado pela arma de Dilermando de Assis, um jovem cadete do exército que era amante de Anna, a esposa de Euclides. O fato passou à história como “A Tragédia da Piedade” e Euclides passou aos anais da literatura e da história brasileira como um homem muito além dos outros homens, e essas visões se perpetuam até hoje.

Um autor não se torna autor simplesmente porque escreve, ele é reconhecido como tal. Na perspectiva hermenêutica<sup>3</sup> 4um texto não existe por si só, ele depende de sua recepção. A forma como a produção de Cunha é recebida, apropriada e utilizada é importante para entender a permanência do seu nome entre os grandes até dias de hoje. Desenvolvida na Alemanha, na segunda metade do século XX, por Hans Robert Jaus, a *Estética da Recepção* (ZILBERMAN, 2015) trabalha com a importância do leitor para o processo de leitura, tendo-o como uma peça primordial nesse sistema e, para Jaus, a forma como o texto é lido e assimilado é o importante, visando a reconstrução de condições históricas responsáveis pelas reações do leitor. Seu trabalho se concentra no sistema

---

<sup>1</sup> Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, engenheiro militar, jornalista, escritor, nasceu em Cantagalo, RJ, em 20 de janeiro de 1866, e faleceu no Rio de Janeiro em 15 de agosto de 1909.

<sup>2</sup> Euclides da Cunha foi apontado para fazer o levantamento cartográfico das cabeceiras do Rio Purus pelo Barão de Rio Branco. A região era local de intensos conflitos entre caucheiros peruanos e seringueiros brasileiros (RIBEIRO, 2006, p. 148).

<sup>3</sup> Na introdução de *Verdade e Método*, Gadamer declara “A hermenêutica que se vai desenvolver aqui não é uma doutrina de métodos das ciências do espírito, mas a tentativa de entender o que são na verdade as ciências do espírito, para além de sua autoconsciência metodológica, e o que as liga ao conjunto de nossa experiência de mundo” (GADAMER, 2008).

<sup>4</sup> Gadamer com a hermenêutica filosófica, traz mudanças que influenciam diretamente as teses desenvolvidas por Jaus (BRIZOTTO, 2013).

autor-obra-leitor, pois é a partir dele que se dá sentido para um texto. Por sua vez, o também alemão Wolfgang Iser elaborou a chamada Teoria do Efeito, que pretende analisar os efeitos da obra literária provocados no leitor, pois são as interações entre obra e leitor são o importante a se considerar, pois a obra literária induziria o seu leitor a uma nova consciência, relegando os conhecimentos prévios desse receptor a um segundo plano. Guardados eventuais afastamentos das ideias de ambos, o que Iser e Jauss estabeleceram é que o texto literário é apenas um ponto de partida. É a partir dele que o leitor, que é o receptor, constrói, usando o que lê e a sua imaginação, suas próprias representações, em uma visão mais abrangente, busca novos sentidos acerca do que vê e da relação do artista com o seu tempo, o seu leitor e a sua obra.

Os estudos que abrangem a estética da recepção possibilitam a compreensão do diálogo que se dá entre o espectador, o autor e a obra. As intenções do autor há muito não são suficientes para estabelecer significados para as obras de arte, especialmente se considerarmos o que apontava André Malreaux, ao afirmar que a obra de arte não é criada a partir da visão do artista, mas a partir de outras obras (MALREAUX *apud* PLAZA, 1990, p. 11). Diante da estética da recepção e da ideia de arte como pensamento, o espectador/receptor é muito mais que um destinatário passivo, ele se insere nesse sistema que compõe a obra, sendo responsável, de certa forma, por sua a construção, pela elaboração de seus sentidos (ROSSETO, 2012), o ato de leitura vai muito além do preenchimento de lacunas na narrativa (RAMOS, 2013, p. 129).

Essa recepção da produção, como se vê, está diretamente ligada à figura do próprio autor. Quando do período de produção de Euclides da Cunha, a existência de um autor como responsável por sua própria obra, como dono de sua produção, já era estabelecida. Como estabeleceu Bénichou (1999), o autor já não falava como um representante de poder religioso ou político, mas sim como o detentor, ele próprio, de autoridade, falando diretamente para o homem, sobre o homem. Dentro dessa premissa, no caso de Euclides da Cunha, a construção de sua autoria passa não só por sua vida e produção, mas também pelas circunstâncias de sua morte. Por meio de seu nome, em vida, Euclides, ao escrever, chancelava suas crenças e, com sua morte, seus admiradores e colegas reiteram sua grandeza de caráter e seu brilhantismo a partir de suas escolhas, de seus escritos, de sua humanidade dedicada ao sacerdócio de escrever (BÉNICHOU, 1999).

A Euclides, o escritor, coube a responsabilidade moral e política sobre suas ideias e escritos, que se tornam inseparáveis quando se pensa na sua figura humana. Qual o caminho percorrido por Euclides e aqueles que o escolhem como um nome fundamental para o Brasil até chegar à consagração quase total? Roberto Ventura (2003, p.222), conta que Euclides, na esteira da publicação de *Os Sertões* em 1902, temendo reações, passou oito dias no interior paulista, retornando para encontrar duas cartas de seu editor, Gustavo Massow, da editora Laemmert. A primeira missiva era um lamento diante do fracasso das primeiras vendas<sup>5</sup>. A segunda trouxe melhores notícias: com recortes de jornal trazia relatos do enorme sucesso do livro, que vendera em 08 dias metade da primeira edição – quase mil exemplares. Euclides da Cunha dormiu obscuro e acordou célebre, nos dizeres de Silvio Romero<sup>6</sup> (FOLHA, 2014), mas não escapou das críticas: em um artigo para o Correio da Manhã, José Veríssimo trazia elogios à obra, mas condenava o uso exagerado de termos técnicos e palavras antigas, além de considerar o seu tom “artificial e rebuscado” (VENTURA, 2003, p. 222).

Diante do sucesso literário<sup>7</sup>, Euclides almeja conciliar a literatura com a sua carreira de engenheiro (VENTURA, 2003, p. 223) e, no ano de 1903, aos 37 anos, alcança êxitos como tornar-se membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e ser eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL). A chegada de Euclides na ABL é realmente algo surpreendente especialmente se consideramos sua pouca idade – não chegara aos 40 anos, e o fato de que ele não se dedicava à sua produção literária de forma exclusiva, ao contrário<sup>8</sup>. Sobre a entrada de Cunha na ABL, Machado de Assis diz em carta endereçada a ele:

Não é mister dizer-lhe o prazer que tivemos na sua eleição para a Academia, e pela alta votação que lhe coube, tão merecida. Os poucos que, por anteriores

---

<sup>5</sup> Euclides leu a boa notícia primeiro, abriu a primeira carta por último (Ventura, 2003, p. 222), e disse que teria se matado caso tivesse lido as missivas na ordem correta (COSTA, 2002, p. 55).

<sup>6</sup> Sílvio Romero (1851-1914), crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira, fundador da cadeira nº 17 da ABL, cujo patrono é Hipólito da Costa. Atuante e influente na imprensa, foi pesquisador bibliográfico sério e minucioso. (Conforme informações disponíveis no sítio da ABL, disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia>).

<sup>7</sup> São três edições de *Os Sertões* entre os anos de 1902 e 1905. Ventura (2003, p. 224) aponta que a obra é um grande êxito editorial até hoje, com mais de cinquenta edições publicadas.

<sup>8</sup> Em carta a José Veríssimo, datada de 04 jul 1903 (VENÂNCIO FILHO, 2001), Euclides pondera, “peço-lhe porém que se recorde de minha situação de engenheiro errante, preso pelos empreiteiros e absorvidos em orçamentos, quase sem tempo de cuidar dos meus próprios interesses. Os outros candidatos, mais folgados e num outro meio, tem elementos práticos de sucesso que eu não posso ter”.

obrigações, não lhe deram o voto estou que ficaram igualmente satisfeitos. Como membros da Academia, estimarão que esta se fortaleça com escolhas tais (*apud* VENTURA, 2003, p. 226).

Tais êxitos atestam o reconhecimento a Euclides no decorrer de sua carreira literária, aliás, logo no início. Seu tempo de produção literária é curto, uma vez que morre ainda jovem, mas, deixa uma produção que reflete sua formação científica - José Veríssimo<sup>9</sup> aponta que o escritor é “ao mesmo tempo um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnólogo, de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista” - (*apud* SOUZA, 2010, p. 38), seu interesse pela natureza e a sua própria carreira de Engenheiro e Jornalista, que o levou ao Alto Purus e a Canudos, por exemplo. A obra de Cunha, especialmente *Os Sertões*<sup>10</sup>, é basilar do estudo das ciências sociais no Brasil, segundo argumenta Florestan Fernandes (1977, p. 35). E essa visão de um autor completo, com conhecimento em diversos campos, persevera. Quando se fala em Euclides dois pontos sempre se destacam: a extensão e variedade do seu conhecimento, que resultou na produção de sua grande obra prima e a tragédia da morte. E, cumpre apontar, essa visão do homem da ciência<sup>11</sup> é reforçada pelo próprio Euclides que, por exemplo, em seu discurso de posse na ABL, afirma ser escritor por acidente, habituado a andar de terra a terra, “abreviando o espírito à contemplação de fatos de ordem física adstrito às leis mais simples e gerais” (*apud* ABREU, 1988, p. 236). Roquette Pinto (1929, p. 82) traz uma boa analogia dessas duas vocações de Euclides, por assim dizer. Segundo ele, o escritor erigira ao mesmo tempo ponte e obra, a ponte para a terra de Rio Pardo e a obra para a posteridade.

---

<sup>9</sup> José Veríssimo (1857-1916), jornalista, professor, educador, crítico e historiador literário, fundador da cadeira nº 18 da ABL, cujo patrono é João Francisco Lisboa. Sua obra abrange estudos sociológicos, históricos e econômicos sobre a Amazônia, além de história e crítica literárias. Veríssimo forma, com Araripe Júnior e Sílvio Romero, a trindade crítica da era naturalista. (Conforme informações disponíveis no sítio da ABL, disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia>)

<sup>10</sup> Walnice Nogueira Galvão destaca “a força e a qualidade literárias de *Os sertões*” as razões pelas quais, segundo ela, a obra é uma obra prima, “sobrepondo-se aos aspectos historiográficos da narrativa”. (KROPF e LIMA, 1998).

<sup>11</sup> Não é prudente descer a detalhes, por não ser o mote do artigo, mas é importante atestar que existe uma extensa discussão acerca da posição positivista de Euclides da Cunha, bem como de uma visão evolucionista presente na sua obra e que se perde em oposição à teoria de Comte.

Se Euclides não tivesse morrido ainda jovem e em circunstâncias tão trágicas, haveria esse esforço de memória e adoração ao seu nome<sup>12</sup>? Alberto Venâncio Filho (SCARRONE e ELIAS, 2010) refuta a afirmação de que a morte de Euclides teria tornando a sua memória mais forte. Para ele, isso está mais ligado à crítica e à popularidade de *Os Sertões*. Contudo, seria apenas a força da importância da obra literária suficiente para alimentar o culto ao seu autor? Quanto ao seu grande livro, como aponta Celso Furtado (2001), “Euclides há muito se afigura anacrônico, e seu cientificismo positivista foi totalmente superado”. Mas, segue o autor, a força do drama de Canudos faz com que Euclides seja lido, relido, discutido publicado. Luiz Costa Lima (2000, p. 36) avança que o culto da figura de Euclides acaba impossibilitando uma análise profunda de sua obra, e, no caso de *Os Sertões*, a verificação de que muitas das soluções apresentadas por Cunha são até mesmo precárias. De igual forma, na ocasião da publicação do famoso livro, não só era comum a visita ao assunto do sertão, mas também foram publicados outras obras que tratavam especificamente do conflito de Canudos, escritas por repórteres como Olívio de Barros e Manuel Benício (ABREU, 1998, p. 165), embora nenhum desses livros tenha tido melhor aceitação da crítica.

Grande em vida, já foi dito, foi pranteado à altura de suas conquistas: o escritor foi velado na data de sua morte, 15 de agosto de 1909, na sede da ABL, que ficava no Silogeu<sup>13</sup>, e enterrado no mausoléu da casa, no Cemitério São João Batista- RJ<sup>14</sup>. Conta-se (VENÂNCIO FILHO, 2001) que Silvio Romero, diante do corpo do colega, foi às lágrimas e teve que ser amparado e retirado do local. Coelho Neto, amigo do falecido, proferiu discurso comparando a tragédia euclidiana à tragédia grega *Oréstia*, de Ésquilo, que conta o destino de Agamenon, rei de Argos, morto por Clitemnestra, sua esposa, e Egisto, amante dela, em sua volta da Guerra de Troia (VENTURA, 2003, p. 298).

---

<sup>12</sup> Souza (2010, p. 43) pondera que a adoração após sua morte seria uma forma de compensar as injustiças que ele sofreu em vida.

<sup>13</sup> Prédio construído durante as reformas de Pereira Passos (1902-1906), assim chamado porque abrigava, além da ABL, o IHGB, a Academia de Medicina e o Instituto dos Advogados do Brasil. Foi demolido nos anos 1970 para a expansão da Rua Teixeira de Freitas.

<sup>14</sup> O cortejo de Euclides foi acompanhado por Olavo Bilac, Coelho Neto, Rui Barbosa, José Veríssimo, Afrânio Peixoto e Júlio de Mesquita, entre outros (ABREU, 2009). Foi Afrânio Peixoto, aliás, o responsável pela autópsia do corpo do escritor (VENÂNCIO FILHO, 2001).

Em 1911, no Rio de Janeiro, ex-alunos de Cunha no Ginásio Nacional<sup>15</sup> criam o Grêmio Euclides da Cunha. Dilermando de Assis, o algoz de Euclides, defendido por Evarisro de Moraes, tinha sido absolvido e os amigos e admiradores de Cunha pretendiam manter viva a sua obra e recuperar a sua honra – “por protesto e adoração”, foi esse o lema criado por Alberto Rangel, amigo próximo de Euclides e presidente de honra da agremiação. É a partir das primeiras atividades desse Grêmio, encabeçadas Edgar Sussekind de Mendonça e depois também por Francisco Venâncio Filho, que surge a terminologia “movimento euclidianista”. (VENÂNCIO FILHO, 2001). O grêmio publicou por muitos anos uma revista, que sempre trazia produção relacionada a atuação e obra de Cunha. O primeiro volume, publicado em 1915, trazia discursos proferidos ao pé do tumulo do autor no Rio de Janeiro (SOUZA, 2010, p. 49). O discurso de Rangel, por exemplo, exalta:

Quisestes acreditar nas forças do bem, da razão e da justiça. Afogados no tranquierno de uma nação espasmada no vício, na mediocridade e no esquecimento, a vossa juventude e a vossa crença reclamavam um consolo e um punhado de protestos. A vossa adoração não afiançais somente uma supervivência. Aproximastes-vos deste túmulo com a cega piedade de peregrinos de Meca, e a sede ardente de reclamantes por uma reparação necessária e infalível (*apud* VENÂNCIO FILHO, 2004).

Em uma tradição iniciada em 1913, todo 15 de agosto era marcado por uma caminhada dos alunos e de amigos de Euclides, como Coelho Netto, até o tumulo do autor, no Cemitério São João Batista, RJ. É Coelho Netto quem fala, claramente, sobre o culto que ali se forma, “que a romaria hoje se torne uma religião da mocidade”. E ele segue, asseverando, “somos um povo sem culto, honremos nossos heróis, observando-lhes os exemplos [...] mais do que vosso patrono, no-los deixou tão belos, porque ele foi grande no gênio, no amor à pátria, na austeridade e no brio” (ABREU, 1998, p. 301). Um grupo de intelectuais e de intelectuais em formação reunidos em torno da memória de um homem arrancado da vida no auge de sua grandiosidade, deixando para trás a promessa de um gênio ainda maior, é isso o que se destaca dos esforços de memória por eles feitos, a despeito de sempre haver uma atenção à violência e humilhação da sua morte e das falhas da sua vida familiar, mas essas, especialmente logo nos primeiros anos da morte

---

<sup>15</sup>Nome dado ao Colégio Pedro II, RJ logo depois da Proclamação da República.

de Cunha, são deixadas no esquecimento<sup>16</sup>. O grupo é incansável no trabalho em torno do nome de Euclides, eles instalam, com recursos próprios, uma placa de mármore no mausoléu do autor e, sobre isso, destaque-se as palavras (elucidadoras) de Alberto Rangel:

Esse mármore será da transparência das talagarças. Ele deixará ver na fina e branca textura de uma porta de pedra, para sempre fixa nos batentes eternos de um sepulcro, os sacrifícios, os protestos e a dedicação de alguns jovens ante o infortúnio e a glória de um escritor patriota e viril, traído em vida, subtraído quando morto ao peito de uma sociedade dispersa e asenzalada, que vive a palmear fantoches, a idolatrar farsistas e a coroar bandidos. (RANGEL, 1919).

Novos nomes vão se juntando aos fundadores do grêmio, e suas atividades continuam. Buscando arrecadar fundos para erigir uma estátua de bronze do escritor, integrantes do grêmio trabalham em publicar textos deixados por Euclides e os esforços de divulgação dessa produção acabam por aproximar intelectuais paulistas e cariocas que, como lembra Abreu (1988), declaram Rio de Janeiro e São Paulo cidades irmãs no culto a Euclides da Cunha. Dentre os nomes dos intelectuais paulistas, destaque-se Julio de Mesquita Filho, Monteiro Lobato, Vicente de Carvalho, Nestor Rangel Pestana (ABREU, 1998, p. 309). Cariocas e paulistas com um objetivo comum, “[...] manter viva a chama euclidiana, esses intelectuais agiram como verdadeiros sacerdotes divulgando a palavra do mestre. Nunca antes, no país, um escritor teve tantas pessoas a seu serviço” (ABREU, 1998, p. 303).

Com a morte de Francisco Venâncio Filho, Sussekind, no início da década de 1940, conforme conta Alberto Venâncio Filho (2001), decide doar ao Grêmio de São José do Rio Pardo - SP (outro local de forte atuação pela memória de Euclides da Cunha, famoso por ter acolhido Cunha enquanto este escrevia *Os Sertões*<sup>17</sup>) todas as relíquias de Cunha em sua posse, por considerar Rio Pardo, a meca do euclidianismo, o local ideal para o culto à sua memória – o trabalho de monumentalização do homem continuava, aliás, continua. De fato, mais que monumento, o vulto de Euclides toma contornos de

---

<sup>16</sup> Em entrevista, Joel Tostes (THIESEN, 2007) resalta a insatisfação da família Cunha com a decisão da filha de Anna e Dilermando de contar a história de seus pais, justamente por trazer a baila assunto que se considerava esquecido e deveria ser privado, familiar.

<sup>17</sup> Euclides da Cunha escreveu grande parte de *Os Sertões* enquanto trabalhava na construção de uma ponte na cidade, entre os anos de 1898 e 1901. Anna de Assis, no entanto, insistia que o marido jamais escrevera naquele local (COSTA, 2002, p. 62; ANDRADE, 2009).

santidade<sup>18</sup>. Souza (2010, p. 60) aponta que nos registros do Grêmio Euclides da Cunha, é possível observar que quando se usa o termo “homem” em relação à Euclides este sempre traz o “h” maiúsculo, por exemplo.

A cada ano, nessa Rio Pardo, na semana que culmina com a data da morte do escritor, um grupo se reúne para realizar a Semana Euclidiana<sup>19</sup> com o apoio da população e do governo locais (ABREU, 1994). Essa efeméride não se inicia como uma semana, mas sim um dia, a data da morte de Cunha - 15 de agosto, a partir do ano de 1912, quando amigos do escritor, a fim de homenageá-lo, reúnem-se na cabana na qual ele escrevera grande parte de *Os Sertões* (BARROS, 2002). É a primeira das comemorações anuais a Euclides, que passam a se alongar por uma semana – 09 a 15 de agosto - a partir de 1938, a Semana Euclidiana. Capitaneada pela Casa de Cultura Euclides da Cunha, traz eventos desportivos, desfiles e ciclos de estudos ligados à vida e obra de Cunha (COSTA, 2002, p. 59), como, por exemplo, a Maratona Intelectual Euclidiana, “um torneio de puro prestígio intelectual [...] a partir de um modelo de vida paradigmático e exemplar, que é Euclides da Cunha e suas obras” (MASCHIETTO, 2002, p. 116), instituída em um esforço para que as comemorações euclidianas fossem mais bem direcionadas, “que havia muita exaltação, muita emoção, muito discurso inflamado. Que a cada 15 de agosto o sangue de Euclides fervia” (MASCHIETTO).

Ali, a cabana de zinco que servia de abrigo a Euclides enquanto trabalhava segue cuidadosamente preservada. Tombada em 1939<sup>20</sup>, ela é o centro de um local conhecido

---

<sup>18</sup> Abreu (1998) e Souza (2010) destacam a influência positivista na construção desse culto a Euclides, inclusive no que tange a todos os rituais que o grêmio e até mesmo Rio Pardo erigem em torno da memória de Cunha. Logo, como bem assevera Souza (2010, p. 62), santidade para Cunha sim, mas nos termos do positivismo e não em termos cristãos. Paulo Carneiro (1995) discorre claramente, “O culto consagrado à memória de Euclides nas comemorações do 15 de agosto, nas visitas coletivas a seu túmulo [...] relíquias conservadas [...] imprimiu aos sentimentos puramente humanos que o motivaram um caráter religioso de inspiração comtiana”.

<sup>19</sup> O presidente da Casa de Cultura Euclides da Cunha em Rio Pardo, Álvaro Ribeiro Neto, informa que a Casa Euclidiana tem quatro datas importantes, cujas comemorações se repetem anualmente: 20 de janeiro, nascimento de Euclides da Cunha; 18 de maio, inauguração da ponte; a Semana Euclidiana de 9 a 15 de agosto; e 2 de dezembro, data do lançamento da obra *Os Sertões* (COSTA, 2002, p. 59).

<sup>20</sup> Barraca de Euclides da Cunha, inscrita no livro do tombamento sob o nº 26, vol. 1, f. 022, 30/08/1939 e, segundo informa o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), “O mérito do tombamento da cabana se deve unicamente ao valor histórico, por ter sido nela que Euclides da Cunha redigiu parte do livro *Os Sertões* enquanto supervisionava a construção da ponte metálica sobre o Rio Pardo. A pequena cabana, originalmente de sarrafo e teto de zinco, encontra-se atualmente revestida por placas de cimento amianto e o piso, antes em terra batida, por patamar de concreto. No seu interior foram colocados alguns pertences de Euclides da Cunha: escrivaninha, vestuário e livros.

como “recando euclidiano” (COSTA, 2002, p. 56 e 60). As primeiras homenagens a terminava ali, uma cerimônia fúnebre com uma romaria cívica até a cabana de zinco. Hoje, essa romaria cívica marca o final da Semana Euclidiana, um feriado local (COSTA, 2002, p. 61). É o ritual para um homem consagrado como grande exemplo, veja-se o que diz Francisco Venâncio Filho sobre Euclides: um “pensador insigne”, merecendo ocupar um lugar “ao lado dos nomes de Virchow, Broca, Gabriel Soares, Simão de Vasconcelos, Fernão Cardim, Ferreira Pena, Castelnau, Gonçalves Dias, Humboldt e Champollion” (VENÂNCIO FILHO, 1940, p. 11).

Euclides da Cunha não é o único autor brasileiro alçado ao Olimpo literário e com memória festejada. Há atuação similar dos admiradores de Guimarães Rosa. Machado de Assis e Monteiro Lobato, por exemplo. Walnice Nogueira Galvão, grande estudiosa das obras de Cunha e Rosa, afirma, quanto à Rosa, que a canonização de sua obra “elevou o escritor a um patamar onde goza da companhia de poucos outros nomes” (GALVÃO, 2000, p. 70). Mas, como bem aponta Ventura (1993), Cunha é o único escritor a ter se tornado objeto de culto pessoal – cabe lembrar que “por protesto e adoração” é o lema do movimento euclidiano. Galvão corrobora essa impressão ao ser indagada se as pessoas mitificam Euclides

Sem dúvida. Isso aparece na atribuição de demasiadas virtudes a ele: patriota, honesto, decente, corajoso... todas as virtudes cívicas possíveis. No fim, vira um santo. Mas essa hagiologia reflete um ideal extremamente pequeno-burguês, eu acho. Sou grande admiradora de Rimbaud, que era uma praga, não tinha virtude alguma. Mas admiro tanto a vida quanto a obra. No caso de Euclides, sobressai a imagem de um cidadão extremamente correto. (KROPF e LIMA, 1998).

Alguns nomes tornam-se emblemáticos quando se fala de Rio Pardo – Reinaldo Porchat e Alberto Venâncio Filho<sup>21</sup>, por exemplo. Venâncio Filho foi o conferencista da segunda Semana Euclidiana em 1939. O nome da conferência? “A glorificação de Euclides da Cunha” (COSTA, 2002, p. 57). Esse ideal de culto a Euclides<sup>22</sup>, ironicamente

---

Está protegida por uma redoma de vidro”. (Disponível em <http://www.ipatrimonio.org/?p=13976#!/map=38329&loc=-21.594250999999996,-46.893893,17>)

<sup>21</sup> Na primeira tradução de *Os Sertões* para o francês, a tradutora Madame Neu dedicou o trabalho a Reinaldo Porchat, a Afrânio Peixoto e a Venâncio Filho, a quem chamou de “o grande euclidiano” (COSTA, 2002, p. 53).

<sup>22</sup> Com a morte do autor surgem os euclidianos, envolvidos com homenagens póstumas a Cunha e, no decorrer dos anos, com a construção da memória póstuma do escritor. A partir de 1917 o movimento euclidiano conta com um “Plano de Campanha”, que visa “realizar um meticuloso trabalho de levantamento

um homem ateu<sup>23</sup> e antirreligioso (GALVÃO, 2009, p. 2) é reforçado por Carmem Maschietto, que aponta a instituição de um feriado local como um forte indício desse ideal (COSTA, 2002, p. 61) e, ao analisar as Semanas Euclidianas e sua relação com São José do Rio Pardo, encerra sua fala afirmando que “‘A Semana Euclidiana é uma glória nossa, é um apanágio nosso, é também encargo nosso (...)’. E será crime nosso- inominável deixar apagar a chama (única talvez), que nos caracteriza, distingue e nobilita: o culto” (MASCHIETTO). Igualmente, desde a década de 1980 os restos mortais de Euclides da Cunha e de Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, ambos mortos pelas mãos de Dilermando de Assis<sup>24</sup>, repousam em São José do Rio Pardo.

Pedro Calmon (*apud* MASCHIETTO, 2002, p. 9) aponta existir no Brasil algo surpreendente, “uma cidade que todos os anos, com a pontualidade de um culto, a solenidade de um voto, comemora um livro”. A importância da produção literária de Cunha, visível pelos láureos recebidos em vida e pela contínua reedição de *Os Sertões*, entre seus outros livros (sem prejuízo de críticas a essa produção, como aqui já se destacou), é também frisada por Afrânio Peixoto (*apud* VENÂNCIO FILHO, 2001), para quem Euclides deve ser honrado “não com epítetos, mas na sua obra, no seu grande livro, no mérito incisivo dele, pelo qual tocou e prendeu a alma nacional”. A obra de Euclides segue seu destino que nascera grandioso no início do séc. XX, mas, cabe destacar que mais do que comemorar *Os Sertões*, Rio Pardo comemora Euclides. Com a pontualidade e a solenidade devidas a um homem que há muito é um mito e morreu em uma cena digna de um habitante do Olimpo.

Quando se fala da figura do escritor, nota-se, por parte desse grupo de euclidianistas, um esforço em destacar suas glórias a despeito da sua morte e das suas

---

de fontes, fotografias, cartas, documentos, relíquias e livros que pertenciam ao escritor ou que figura como referência em suas obras” (ABREU, p. 21, 2009).

<sup>23</sup> Sobre o ateísmo de Euclides, Joel Tostes transcreve declaração do próprio, que diz: “[...] então, eu não creio em Deus? Quem teria propalado esta calúnia? Ah! Meus pobres amigos que me acusam de ateísmo. Mal sabem que também rezo. Rezo sem palavras, na perpétua adoração das coisas e na minha miserabilíssima e falha ciência sei positivamente, que há alguma coisa além do que sei e que não posso definir” (TOSTES, 1990, p. 48).

<sup>24</sup> Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, filho de Anna e Euclides, enfrenta Dilermando nas dependências de um cartório de órfãos na cidade do Rio de Janeiro (Dilermando ali estava para resolver pendências relativas a Manoel Afonso, outro dos filhos de Anna e Euclides), em 16 de julho de 1916. Atirou de surpresa, atingindo o padrao diversas vezes antes que este revidasse – e o matasse. Manoel Afonso, aliás, é o único dos filhos de Euclides e Anna a viver uma vida longa e não morrer de forma violenta. O primogênito deles, Solon, também morre no ano de 1916, assassinado no estado do Acre.

circunstâncias humilhantes para um homem do início do século XX, traído e alvejado pelo amante da esposa. Joel Tostes, casado com uma das netas de Euclides, Eliethe, insiste: é preciso ficar claro que o escritor não foi culpado pela própria morte (THIESEN, 2007). É que algumas biografias, todas na esteira de *Anna de Assis: história de um trágico amor*, de Judith de Assis<sup>25</sup>, filha de Anna e Dilermando e Jefferson de Andrade, apontam o temperamento irascível de Euclides e os longos períodos longe de casa como causadores das discórdias entre ele e Anna<sup>26</sup>. Mas a verdade é que, de modo geral, essas outras visões desses capítulos da vida pessoal de Cunha não parecem influenciar demasiadamente a visão gloriosa que se tem do grande homem, do escritor brilhante, do grande intelectual do Brasil. Há uma preocupação, como destaca Olinto (2009), com os lances mais dramáticos da vida de Cunha, mas, o mesmo autor, ainda que com a ressalva de que muito da crítica desenvolvida por Euclides se perdeu, aponta uma gama de autores que se debruçam sobre a produção literária de Euclides, de Eloy Pontes a Olímpio de Souza Andrade, passando por Gilberto Freyre, além de Walnice Galvão e Roberto Ventura (OLINTO, p. 133 e 137).

Infere-se que, hoje, é praticamente impossível separar o lugar ocupado por Euclides da Cunha do próprio movimento euclidiano. Como assevera Regina Abreu (*apud* SOUZA, 2010, p. 48) o papel desses euclidianistas após a morte do autor é fundamental para a manutenção da atualidade não só de *Os Sertões*, mas de todo o pensamento de Cunha. Grêmios e semanas alimentam o mito em torno de Euclides, mito este que não se pode separar de todo das circunstâncias da sua morte, que estão no cerne do surgimento desses movimentos que perseveram até os dias de hoje, quase um século depois, em razão de um homem que é “um gênio que era um santo” (VENÂNCIO FILHO, 1940). E essa visão da genialidade e da santidade acaba por deixar passar detalhes de seu comportamento e de sua vida familiar, ainda que ele realmente não possa ser o culpado

---

<sup>25</sup> A resposta da família Cunha à obra é o livro *Águas de Amargura: o drama de Euclides da Cunha e Anna*, escrito por Joel Tostes e Adelino Brandão.

<sup>26</sup> A escritora Mary Del Priore, autora de *Matar ou morrer — A morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis*, enfrentou problemas com os descendentes de Anna e Dilermando, e mudou a obra para que fosse publicada. Ela diz “A solução foi mutilar o livro para que ele fosse publicado”, e arremata, “Elas só admitem que se fale de Anna Cunha como se fosse uma santa. Anna conheceu Dilermando quando ele tinha 17 anos e era 13 anos mais velha. Foi a única época em que o Rio tinha mais homens do que mulheres. Não é telenovela da TV Globo. Tudo que narrei está documentado nos jornais da época e no processo” (FRANCISCO, 2011).

da própria morte. Um gênio e um santo, mas, um homem doente. O amigo Afrânio que o autopsiou, não desceu a detalhes, mas, a partir do laudo e de relatos do comportamento de Euclides (que por algumas vezes foi chamado de neurastênico), o médico Walter Guerra argumenta

Com a devida vênua, invadindo seara alheia, pertencente aos psiquiatras e neurologistas, recordemos os principais sintomas psíquicos da neuro-lues. O indivíduo apresenta manifestações delirantes ocasionais e Euclides procedia, por vezes, como se fora um louco. Era possuído de momentos de cólera, seguidos, instantes depois, de estranha placidez (*apud* BARBOSA, 2009).

Os ideais republicanos e o vasto conhecimento de Euclides deixam ao longe seus problemas matrimoniais e seu comportamento difícil, embora não seja possível desconsiderar a infelicidade do casamento e da vida pessoal – Anna dizia respeitar e admirar o escritor, mas não considerar possível viver com um homem com um humor oscilante e violento (ANDRADE, 2009) - dadas as circunstâncias de sua morte e seu embate com o amante da esposa, o jovem e viril campeão de tiro que, ao final, lhe tiraria a vida. Mas, em resumo, especialmente entre os euclidianistas (tidos como tais aqueles envolvidos nos esforços de preservação de sua memória além da pesquisa científica), Cunha, *in memoriam*, tem sua obra tida como sacra, um dos epítetos de *Os Sertões* é “bíblia da nacionalidade” (PACHECO, 2003, p. 10) e como já foi apontado, suas ideias não chegam aos dias de hoje incólumes, e não há grande discussão acerca das falhas de seus trabalhos; e a sua memória tida como santa (suas falhas como homem são esquecidas diante da traição sofrida que culmina com sua morte) - um dos epítetos de *Os Sertões* é “bíblia da nacionalidade” (PACHECO, 2003, p. 10).

O escritor é nome de cidade no sertão da Bahia desde 1938<sup>27</sup>. Na década de 1990 a Tragédia da Piedade tornou-se minissérie da Rede Globo de Televisão - *Desejo*, de Glória Perez, que foi relançada em DVD no ano de 2005<sup>28</sup>. No início dos anos 2000 o Teatro Oficina de Ze Celso Martinez<sup>29</sup> transformou as três partes de *Os Sertões*, “a terra”,

---

<sup>27</sup> Conforme informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponíveis em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/euclides-da-cunha/historico>.

<sup>28</sup> Conforme noticiado em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0902200504.htm>.

<sup>29</sup> Conforme noticiado em <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ze-celso-recria-os-sertoos-no-oficina,20021205p5554>. Informações mais detalhadas sobre as peças estão disponíveis em <http://teatrooficina.com.br/pecas/os-sertoos/>.

“o homem” e “a luta” em cinco espetáculos teatrais que, por sua vez, se transformaram em cinco filmes<sup>30</sup>. Em 2018, a tragédia pessoal do autor também inspirou uma ópera, *Piedade*<sup>31</sup>. Para o ano de 2019, Euclides da Cunha é o escritor homenageado da Feira Literária de Parati, a FLIP<sup>32</sup>. O mito segue, e com chancela oficial: em 15 de janeiro de 2018, a Lei 13.622 determinou a inscrição do nome de Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha no Livro dos Heróis da Pátria<sup>33</sup>, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, Regina de. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. Emblemas da Nacionalidade: o culto a Euclides da Cunha. In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 66-85, 1994. Disponível em [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_24/rbcs24\\_05.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_24/rbcs24_05.htm). Acesso em 09 jan 2019.

\_\_\_\_\_. O enigma da permanência. In **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 4, nº 47, agosto de 2009.

ANDRADE, Jefferson; ASSIS, Judith Ribeiro de. **Anna de Assis. História de um trágico amor**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2009.

BARBOSA, Eurico. A morte de Euclides da Cunha. In **Revista Bula**. Disponível em <http://acervo.revistabula.com/posts/ensaios/a-morte-de-euclides-da-cunha->. Acesso em 21 dez 2018.

BARROS, Carlos Juliano. O mito Euclides. In **Problemas Brasileiros**, n. 352, set. 2002. Disponível em [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/1411\\_O+MITO+EUCLIDES](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/1411_O+MITO+EUCLIDES). Acesso em 12 jan 2019.

---

<sup>30</sup> Conforme noticiado em <https://oglobo.globo.com/cultura/pecas-de-jose-celso-martinez-correa-baseadas-em-os-sertoes-tornam-se-cinco-filmes-pelas-maos-2947718>.

<sup>31</sup> Conforme noticiado em <http://www.acritica.net/editorias/cultura/a-tragedia-da-morte-de-euclides-da-cunha/311470/>.

<sup>32</sup> Conforme noticiado em <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura/euclides-da-cunha-e-o-autor-homenageado-da-flip-2019,70002598873>.

<sup>33</sup> O livro de aço teve como primeiro herói inscrito Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Euclides da Cunha juntou-se a ele e a outros nomes como Santos Dumont, D. Pedro I, Zuzu Angel, o Marechal Rondon, Machado de Assis, Maria Quitéria, Maria Felipa, Miguel Arraes, Joana Angélica, Carlos Gomes e Heitor Villa Lobos, entre outros.

BÉNICHOU, Paul. **The Consecration of the Writer, 1750-1830.** University of Nebraska Press, 1999.

BRIZOTTO, Bruno. Hermenêutica e Estética da Recepção: uma leitura das três primeiras teses de Hans Robert Jauss. In **E-escrita**, v. 4, 2013. Disponível em [http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/718/pdf\\_347](http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/718/pdf_347). Acesso em 28 jan 2019.

CARNEIRO, Paulo. Francisco Venâncio Filho: um homem de ciência e educador. In VENÂNCIO FILHO, Alberto. **Francisco Venâncio Filho, um educador brasileiro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

COSTA. Francisco. A legião de Euclides da Cunha. In **Revista USP**, São Paulo, n.54, p. 52-65, junho/agosto 2002. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35212/37933>. Acesso em 11 jan 2019.

FOLHA. Livraria da, **Conheça “Os Sertões”, obra prima de Euclides da Cunha.** Publicado em 23.05.2014 Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2014/05/1458978-conheca-os-sertoes-obra-prima-de-euclides-da-cunha.shtml>. Acesso em 09 jan 2019.

FRANCISCO, Severino. Ações judiciais de herdeiros prejudicam lançamento de biografias. In **Correio Braziliense.** Disponível em <https://www.correio braziliense.com.br>. Acesso em 01 fev 2019.

FURTADO, Celso. Revisitando Euclides da Cunha. Conferência proferida em 17 jul 2001. **Ciclo comemorativo do centenário da publicação de Os Sertões.** Academia Brasileira de Letras. Disponível em [http://www.euclidesdacunha.org.br/abl\\_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start0d57.html?Use rActiveTemplate=euclidesdacunha&inoid=146&sid=69](http://www.euclidesdacunha.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start0d57.html?Use rActiveTemplate=euclidesdacunha&inoid=146&sid=69). Acesso em 19 jan 2019.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método:** Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 1.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Guimarães Rosa.** São Paulo: Publifolha, série Folha Explica, 2000.

KROPF. Simone Petraglia; LIMA, Nísia Trindade. **Fato e ficção na obra de Euclides da Cunha.** Depoimento de Walnice Nogueira Galvão para o Museu da República-RJ. São Paulo, 13 de abril de 1998. Disponível em

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59701998000400016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000400016). Acesso em 18 jan 2019.

LIMA, Luiz Costa. **Euclides da Cunha**: contrastes e confrontos do Brasil. Rio de Janeiro: Contraponto/NUSEG, 2000.

MASCHIETTO, Carmem C. Trovatto, **A tradição Euclidiana**: uma ponte entre a história e a memória. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2002.

\_\_\_\_\_. **Semanas Euclidianas**: histórias e questões. Disponível em <http://berrante.orgfree.com/SE99/academicos/conferenciaoficial99.htm>. Acesso em 22 jan 2019.

OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik (Org). **Literatura e Mídia**. Rio de Janeiro: Edições Loyola/PUCRIO, 2ª ed, 2009.

PACHECO, André Pinto. **Literariedade e cientificidade em “Os Sertões”. A recepção crítica recente (1943- 2001)**. 115 fls. Dissertação (mestrado)- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2003.

PLAZA, Julio. Arte e interatividade: autor-obra-recepção. In **Brassilpaissdooofuturoboross**, 1990. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/cap/ars2/arteeinteratividade.pdf>. Acesso em 10 fev 2016.

RAMOS, Flávio B. **Literatura na escola**: da concepção à mediação do PNBE. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.

RANGEL, Alberto. Discurso ao pé do tumulo de Euclides da Cunha. In **Revista do Grêmio Euclides da Cunha**. 1919. Disponível em [www.euclidesdacunha.org.br](http://www.euclidesdacunha.org.br). Acesso em 10 dez 2018.

RIBEIRO, Fabrício Leonardo. Cartas da Selva: algumas impressões de Euclides da Cunha acerca da Amazônia. In **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 44, p. 147-162, 2006. Editora UFPR. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/7937/5582>. Acesso em 01 fev 2019.

ROQUETTE PINTO, Edgard. Ensaio sobre Os Sertões. In **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro, v. 31, n. 93, set. 1929.

ROSSETO, Robson. A experiência artística do professor de teatro como princípio gerador para uma práxis pedagógica significativa. In **Anais do VII Congresso da ABRACE –**

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação em Artes Cênicas. *Tempos de Memória, Vestígios, Ressonâncias e Mutações*. Porto Alegre, outubro de 2012.

SCARRONE, Marcelo; ELIAS, Rodrigo. Euclides da Cunha para os íntimos. Entrevista de Alberto Venâncio Filho em 21 jan 2010. Disponível em <http://entrevistasbrasil.blogspot.com/2010/01/alberto-venancio-filho-euclides-para-os.html>. Acesso em 10 jan 2019.

SOUZA, Natalia Peixoto Bravo. **A militância em torno da glorificação de Euclides da Cunha**: um projeto político-ideológico. 2010. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

THIESEN, Icléia. Imagens de Euclides da Cunha entre o público e o privado. In **R IHGB**, Rio de Janeiro, a. 168 (437):11-27, out./dez. 2007. Disponível em <https://ihgb.org.br>. Acesso em 20 jan 2019.

TOSTES, Joel Bicalho; BRANDÃO, Adelino Marques da Silva. **Águas de amargura**: o drama de Euclides da Cunha e Anna. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 3. ed., 1990.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. **A glória de Euclides da Cunha**. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1940. Disponível em <http://www.brasiliana.com.br/obras/a-gloria-de-euclides-da-cunha>. Acesso em 20 dez 2018.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. O movimento euclidianista. Conferência proferida em 19 jun 2001. **Ciclo comemorativo do centenário da publicação de Os Sertões**. Academia Brasileira de Letras. Disponível em [http://www.euclidesdacunha.org.br/abl\\_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start128e.html?UseActiveTemplate=euclidesdacunha&inford=142&sid=69](http://www.euclidesdacunha.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start128e.html?UseActiveTemplate=euclidesdacunha&inford=142&sid=69). Acesso em 29 jan 2019.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha. In **Remate de Males**, Campinas, (13); 41:46, 1993. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636193/3902>. Acesso em 17 dez 2018.

\_\_\_\_\_, **Euclides da Cunha. Esboço biográfico**. Organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Cia das Letras. 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2015.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**